

A PRÁTICA POLÍTICA SHAKESPEARIANA EM *HAMLET*

SHAKESPEAREAN POLITICAL PRACTICE IN *HAMLET*

Adelson Oliveira*

UNEB

Thiago Martins Prado**

UNEB

Resumo: Por meio de uma proposta qualitativa de análise, propõe-se uma investigação do seguinte tema: A prática política shakespeariana em *Hamlet*. O texto comenta os comportamentos e as estratégias políticas da personagem Claudius na peça *Hamlet*, de William Shakespeare. Articula-se uma compreensão da personagem shakespeariana a um suporte da crítica política à obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel. Compreende-se que esses diálogos apontam para o entendimento da personagem rei Claudius dentro do teatro shakespeariano sob uma perspectiva da construção do caráter do governante e das suas táticas de conservação e sobrevivência das relações de poder que o permitem rei. Discute-se a evolução e a representatividade da função de rei na peça *Hamlet*, compreendendo-se que o esforço de Claudius em manter-se no poder firma-se em manter-se no poder e em suas tentativas de edificar um caráter de líder para si e para os seus súditos.

Palavras-chave: William Shakespeare. Nicolau Maquiavel. Política. Claudius.

Abstract: Through an analysis qualitative proposal, an investigation of the following theme is proposed: The Shakespearean political practice in *Hamlet*. The text comments on the behaviour and political strategies of the character Claudius in the piece *Hamlet*, by William Shakespeare. An understanding of the Shakespearean character is articulated with a support of political criticism to the work *The Prince*, by Niccolò Machiavelli. It is understood that these dialogues point to the understanding of the character King Claudius within the Shakespearean theater from the perspective of building the character of the ruler and his tactics of conservation and survival of the power relations that allow him to be King. The evolution and representativeness of the role of King in the play *Hamlet* is discussed, understanding that Claudius's effort to remain in power rests on remaining in power and in his attempts to build a character of leader for himself and his subjects.

Keywords: William Shakespeare. Niccolò Machiavelli. Politics. Claudius.

* Pós-graduado em Produção Textual, Gramática e Literatura, pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Graduado em Licenciatura em Língua Inglesa, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: <adelsonoliveiramendes@gmail.com>.

** Pós-doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: <minotico@yahoo.com.br>.

INTRODUÇÃO

A tragédia Hamlet, do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare, apresenta inúmeras faces interpretativas, criando nuances inéditas para o campo da crítica literária. Tal peça shakespeariana, ambientada na época renascentista, como exemplo, apresenta os trâmites políticos internos à coroa e à sociedade dinamarquesa. No enredo da peça, surge Claudius, uma personagem de destaque e que carece de maiores análises em relação a seu papel na peça e de sua função como governante. Nesse sentido, este artigo propõe-se a analisar os bastidores domésticos do reino em que o governante Claudius atua, as suas ações em público e as características de sua diplomacia internacional.

Como forma de ilustrar tais ações, podem ser comentadas algumas destas passagens. No Ato I/Cena I, observa-se uma adição na segurança do castelo de Elsinore como forma de garantia de proteção da soberania do reino frente a alguma ameaça estrangeira, como Fortimbrás. Ainda no Ato I/Cena II, nota-se uma confraternização na corte com o intuito de que o banquete ofertado por Claudius conquiste o apreço dos convivas. De outro modo, quando o rei decide enviar o sobrinho Hamlet à Inglaterra (Ato III/Cena I), ele adota uma ação disfarçada (cobrança de tributos) para justificar sua verdadeira intenção em eliminar o sobrinho em território distante para livrar-se do risco que este apresentava ao seu reinado – revelar o ato de fratricídio e de regicídio cometido.

Podem-se levar em conta também os aspectos tirânicos e autocráticos adotados pela personagem em benefício próprio, como aumento de poder e de influências políticas. Adotando o discurso político em favor do povo, por meio da dissimulação, afirma-se que a personagem Claudius destaca a dualidade entre a moral antiga – conhecimento de suas potencialidades e a busca pelo desabrochar dessas virtudes, de acordo com Aristóteles (2009) – e a moderna – o indivíduo ganha seu destaque mediante o esforço, se, por ventura, não apresentar nenhuma potencialidade (KANT, 2017) – quando posto seus reais interesses no comando da coroa. Considerando a viabilidade da hipótese supracitada, utilizam-se os seguintes teóricos na fundamentação deste artigo: Northrop Frye (2011), Harold Bloom (2001, 2004), William Witherle Lawrence (1999), Barbara Heliadora (2004), Andrew Cecil Bradley (2009), George Wilson Knight (1967), Michel Foucault (2006) e Nicolau Maquiavel (2006).

Em *Sobre Shakespeare*, Northrop Frye (2011), por exemplo, apresenta a personagem Claudius como estrategista e habilidoso ao pautar sua corrida contra a *fortuna*, aproximando-se do príncipe Hamlet para demarcar uma autoridade real tal como uma função paterna e resolvendo questões burocráticas do reino. O insucesso quanto à aproximação com o príncipe é descrita por Frye não como uma falha do governante, mas pela persistência do complexo de Édipo no príncipe como causa de sua estranheza com Claudius.

Harold Bloom, em duas das suas obras, *Shakespeare: a invenção do humano* (2001) e *Hamlet: poema ilimitado* (2004), destaca os aspectos que classificam a personagem Claudius, enxergando o líder ora como mero incidente ora como oponente fraco ao então príncipe Hamlet.

William Witherle Lawrence (1999) estuda, em *The Play Scene in “Hamlet”*, a astúcia de Claudius ao atentar para a descoberta da razão da provável loucura do príncipe, seu sobrinho. Para o autor mencionado, a mudança de comportamento do príncipe a partir da encenação de *A ratoeira* gerou a reflexão em Claudius de que Hamlet poderia afetar a estabilidade do comando

da coroa. Nesse sentido, todas as estratégias do rei derivam de sua conservação no trono, principalmente a partir desse fato.

Barbara Heliodora (2004) interpreta, em *Reflexões Shakespearianas*, a ocupação do trono dinamarquês utilizando a metáfora de uma espécie de cancro que corporifica o mal (Claudius). Ao contrário, George Wilson Knight (1967) avalia, em *The Wheel of Fire*, características de eficiente governante e afirma a representação diplomática na personagem Claudius. A. C. Bradley (2009) destaca, em *A Tragédia Shakespeariana*, as qualidades inerentes à boa imagem de rei na personagem rei Claudius, classificando-o como um rei cortês, com qualidades respeitáveis e cuidadoso com o reino. Com Bradley (2009), pode-se avaliar o rei por uma outra óptica, similarmente proposta quase exclusivamente por Knight (1967), que a atenção da crítica, em sua maioria, firmou a partir da perspectiva da personagem Claudius quase tão-somente como o antagonista do príncipe Hamlet. Knight, como ilustração, apresenta uma interpretação que mostra a personagem Claudius, em perfeito estado de espírito, como um bom diplomata e rei, não tão preocupado com o ato cometido do fratricídio.

Como material teórico a ser somado a este artigo, Foucault (2006), em sua coletânea de textos, publicados no livro *Estratégia, Poder-Saber*, apresenta, no capítulo *A governamentalidade*, dedicado à análise da obra *O Príncipe*, de Maquiavel, alguns aspectos a serem identificados em Claudius. Nota-se, em alguns dos trechos mencionados pelo autor, o soberano que se valia do poder de manipulação para conquistar mais territórios e súditos. No decorrer da análise da personagem Claudius, na trama da peça, adotou-se também, nesta pesquisa, o crítico político Nicolau Maquiavel, cuja obra *O Príncipe* (MAQUIAVEL, 2006) destaca alguns aspectos de manutenção do poder que podem, entre outros, configurar a tática dissimuladora do rei em *Hamlet* como característica maquiavélica de governar.

Diante disso, a relevância desta pesquisa residiu na possibilidade de, por meio de releituras, realizar novas interpretações e contribuições acerca da análise das táticas políticas presentes em *Hamlet*, levando em consideração os aspectos que caracterizam a personagem Claudius. Tal estudo buscou avaliar tal personagem dentro da óptica maquiavélica, desviando, na medida do possível, da ética convencional.

REI CLAUDIUS À LUZ DA TEORIA LITERÁRIA

A personagem Claudius é posta em cena, em *Hamlet*, em um período do reino dinamarquês em que o seu antecessor, rei Hamlet, destaca sua função por meio de uma imagem bélica: um rei que marcou sua posição social por meio de conflitos e apropriações das terras em disputa, caracterizados como práticas diplomáticas rudimentares. A personagem Claudius, ao contrário do antecessor, é visto pela crítica shakespeariana¹ como uma figura reinante de cunho político. Centralizado nos bastidores da realeza, sua prática política é mais focada nas relações de época renascentista – a derrubada da concepção de religião inerente à política, predominância da razão sobre os sentimentos e valorização do sentido no prazer. Relações pautadas, principalmente, no classicismo, no antropocentrismo, no racionalismo e no hedonismo, características fundamentais para repensar a religião, a economia e a política em pleno Renascimento.

¹ George Wilson Knight (1967) e Andrew Cecil Bradley (2009) pautam características que estabelece a figura da personagem dentro desse aspecto político.

Como meio de demonstração de rei habilidoso e estrategista que é a personagem Claudius, William Witherle Lawrence (1999) destaca uma provável teoria a respeito da astúcia do rei ao desconfiar da possível razão da “loucura” do príncipe Hamlet. Lawrence (1999) postula sobre o Ato II/Cena II que: “Claudius sabia, antes da cena, que Hamlet foi plenamente informado sobre as circunstâncias do assassinato. Isso aumenta bastante, como veremos a eficácia dramática da cena”² (LAWRENCE, 1999, p. 8, tradução nossa).

O estudo do método dissimulador do rei Claudius é motivado a partir dessa teoria de Lawrence (1999), quer dizer, levando em conta a metáfora utilizada por Maquiavel (agir como Leão e a Raposa), o príncipe obriga-se a combater os infortúnios do seu reinado, derivados da falta de controle da *fortuna*, com as leis e com a força. Ao conhecer as leis que regem seu reinado, o príncipe deve, portanto, trabalhar a força. Assim, conhecer estratégias para desviar-se das armadilhas e enfrentar seu opositor, sempre na busca pela manutenção do poder, pois “[...] aquele que engana encontrará sempre quem se deixa enganar” (MAQUIAVEL, 2006, p. 78).

A personagem Claudius ouve também, no Ato II/Cena I, o súdito Polônio na busca pela descoberta da suposta enfermidade do príncipe Hamlet^{3,4} e convida Rosencrantz e Guildenstern, no Ato II/Cena II, para exercerem a função de espíões reais em relação ao príncipe⁵. Esses momentos, nas intenções de tal personagem, seriam a busca pela arte de governar, para Foucault (2006), uma teoria de contrato. Claudius realiza tais atribuições no intuito de proteger-se enquanto detentor da coroa dinamarquesa – fazer banquetes, conferir a função de espíões particulares a Rosencrantz e Guildenstern, outorgar a Polônio o posto de conselheiro real, tendo em vista o poder de influência dessa personagem. Nas palavras do autor, “[...] a teoria do contrato será, precisamente, aquela com a qual o contrato fundador, o engajamento recíproco dos soberanos e dos súditos será a espécie de matriz teórica [...] princípio geral de uma arte de governar” (FOUCAULT, 2006, p. 297). Esses e outros argumentos, aqui neste texto citado sobre a perspectiva de Foucault, são argumentos a partir de sua análise da obra *O Príncipe*, de Maquiavel.

A relação de cortêsão do rei com seus súditos e a proteção com seus territórios configuram uma forte imagem do rei na diplomacia internacional e, principalmente, dentro de seu país. Essa relação objetiva entre rei e súditos cria tal imagem e possíveis interpretações de invencibilidade, como: um rei armado, com grandes concentrações de capital, a satisfação dos súditos com o reino em questão etc. A solidificação da imagem do governante apresenta-se, portanto, de forma onipotente. Em proposições foucaultianas, o governante preserva essa imagem e as relações de dominância no reino.

²“Claudius knew, before the spoken play, that Hamlet was fully informed of the circumstances of the murder. This increases greatly, as we shall see, the dramatic effectiveness of the scene.” (LAWRENCE, 1999, p. 8).

³**King Claudius:** “Come, go with me: I will go seek the king/ This is the very ecstasy of love/ Whose violent property fordoes itself/ And leads the will to desperate undertakings/ As oft as any passion under heaven/ That does afflict our natures.” (SHAKESPEARE, 1999, p. 39).

⁴“Hamlet’s soul is sick. The symptoms are, horror at the fact of death and an equal detestation of life, a sense of uncleanness and evil in the things of nature; a disgust at the physical body of man; bitterness, cynicism, hate. It tends towards insanity. All these elements are insistent in Hamlet. He can describe the glories of heaven and earth but for him those glories are gone. And he knows not why. The disease is deeper than his loss of Ophelia, deeper than his mother’s sexual impurity and his father’s death. These are, like his mourning dress, the ‘trappings and the suits of woe. They are the outward symbols of it, the ‘causes’ of it: but the thing itself is ultimate, beyond causality.” (SHAKESPEARE, 1999, p. 32).

⁵**King Claudius:** “Welcome, dear Rosencrantz and Guildenstern/ Moreover that we much did long to see you/ The need we have to use you did provoke/ Our hasty sending. Something have you heard/ Of Hamlet’s transformation; so call it, /Sith nor the exterior nor the inward man/ Resembles that it was.” (SHAKESPEARE, 1999, p. 40).

Desse princípio e desse corolário, se deduz um imperativo: o objetivo do exercício do poder será, bem entendido, o de manter, reforçar e proteger esse principado, entendido não como o conjunto constituído pelos súditos e território, o principado objetivo, mas como a relação do Príncipe com o que ele possui, ou seja, esse território que ele herdou ou adquiriu, os súditos que lhe estão submetidos. Esse principado como relação do Príncipe com seus súditos e seu território, é isso o que se trata de proteger, e não direta ou fundamentalmente o território e seus habitantes. (FOUCAULT, 2006, p. 285).

Se adotar-se a perspectiva de Maquiavel (2006), o conselheiro Polônio, por exemplo, não teria cumprido o papel do súdito fiel, pois pensou mais em si, no seu egoísmo pela vontade de casar sua filha, do que na preservação do monarca. Polônio, em verdade, faz um papel de bajulador motivado também pelo interesse próprio. Convém aqui a oportunidade de mencionarmos um sábio conselho político de Maquiavel:

[...] para que um príncipe possa conhecer o ministro, existe um método que não falha nunca. Quando vires o ministro pensar mais em si do que em ti e que, em todas as ações, procura seu interesse próprio, podes concluir que esse jamais será um bom ministro e nele nunca poderás confiar. (MAQUIAVEL, 2006, p. 100).

A usurpação de Claudius ao trono do irmão surge do cálculo maquiavélico e da aliança emocional, abençoados pela cumplicidade do Conselho do reino e movidos também pelo amor à Rainha. Entretanto, é preciso notar também a fragilidade desse próprio Conselho em priorizar a posição real ao invés, como ocorre, de concentrar-se na obtenção de favores.

A dissimulação de Claudius é notável quando Laertes mobiliza o povo em defesa da morte do súdito Polônio (seu pai) pelo príncipe Hamlet. O monarca logo utiliza argumentos de características dissimuladoras⁶ e, diante das circunstâncias de vingança ao sobrinho (príncipe Hamlet), culpa o então príncipe dinamarquês Hamlet, pela morte de Polônio. Diante disso, Claudius utiliza do ódio alheio para disseminar, por meio de Laertes, a imagem de inimigo e podridão no reino da Dinamarca, ou seja, o então príncipe como seu inimigo. A dissimulação persiste, visto que a causa do assassinato de Polônio, braço direito de Claudius, ocorreu diante da fúria e idolatria do príncipe Hamlet⁷ em vingança à morte de seu pai, ao ser informado pelo suposto fantasma o verdadeiro culpado.

No desenvolver da peça, nota-se, depois da peça teatral montada pelo príncipe – a famosa técnica do drama barroco: a peça dentro da peça –, os ardis da personagem Claudius para eliminar o seu sobrinho, enviando-o à Inglaterra. Sobre o interesse de eliminação do príncipe Hamlet por Claudius, Harold Bloom (2001, p. 485) diz: “[...] para dar cabo de Claudius não

⁶ **King Claudius:** “Good Laertes/ If you desire to know the certainty/ Of your dear father’s death, is’t writ in your revenge/ That, swoopstake, you will draw both friend and foe/ Winner and loser?/ Why, now you speak/ Like a good child and a true gentleman/ That I am guiltless of your father’s death/ And am most sensible in grief for it/ It shall as level to your judgment pierce/ As day does to your eye” (SHAKESPEARE, 1999, p. 105).

⁷ “And in that conceit, seeking to be rid of him, determined to find the mean to do it by the ayde of a stranger, making the king of England minister of his massacring resolution, choosing rather that his friend should defile his renown with so great a wickedness, then himself to fall into perpetual infamies by an exploit of so great cruelties, to whom he purposed to send him, and by letters desire him to put him to death” (GRAMMATICUS, 2013, p. 79).

são necessários um espantoso intelecto nem uma consciência das mais sensíveis, e o Príncipe Hamlet sabe, melhor do que nós, que não é talhado para a tarefa que lhe foi atribuída”. Bloom (2001) defende Hamlet ao falar sobre as qualidades do príncipe dinamarquês, ao mesmo tempo que o enxerga incapaz de enfrentamento com Claudius. Mostra-se, ainda, nessa citação, que o atual rei dinamarquês, apesar de grosseiro, é um rei suficientemente astuto para defender suas tramoias no poder e praticá-las através da sensibilidade do sobrinho.

Além de conseguir aliar-se a Laertes, usando assim o súdito como isca para eliminar o príncipe Hamlet, o rei Claudius, por meio de sua expressão de apaziguamento⁸, consegue uma imagem real favorável. Como pauta Mazzarino (1997, p. 33), “[...] com toda a atenção ao redor, naquilo que deve se apresentar de ti em público, porque de uma única ação depende para sempre a tua fama”. Desse modo, Claudius não respondeu ao nível de Laertes e é interpretado, pelas demais personagens da peça shakespeariana, como um bom rei, pois se preocupa – de forma dissimuladora, sabido que a prioridade no momento era seus interesses motivados pela permanência na coroa dinamarquesa – com os súditos. No Ato II/Cena II⁹, nota-se a preocupação diplomática de Claudius com as ameaças do príncipe norueguês (fato que coaduna com a ideia supracitada da imagem de bom rei à personagem Claudius).

Ao envolvimento do rei Claudius no fratricídio, Mazzarino (1997) apresenta conselhos para que, em ocasiões tais como em *Hamlet*, a melhor oportunidade é realizar o que o personagem Claudius realizou, dissimular. Nas palavras do autor: “[...] se te envolvereste em alguma ação detestada por todos, não te exponhas em público à agitação dos desprezos, nem te comportes como se estivesse perto de aprovar o fato” (MAZZARINO, 1997, p. 50).

Após a descoberta pessoal de Claudius na peça *Hamlet*, postulada por Lawrence (1999), vendo a ameaça de Hamlet no castelo de Elsinore, ele se previne, convocando os súditos Rosencrantz e Guildenstern para vigiar de perto o sobrinho que simula loucura (FRYE, 2011). O rei quer, através do método dissimulador, entender a fonte e a natureza da loucura de Hamlet para se proteger das instabilidades emocionais do príncipe e evitar desequilíbrios e imprevisibilidades na corte, pois afetaria a estabilidade do poder da coroa. Essa característica reinante de Claudius desperta no crítico Knight (1967) a defesa política do rei e certa aversão à personagem do príncipe Hamlet. Por fim, ainda que Knight elogie a condução política do rei, ele acaba por caracterizar Claudius como mero acaso na vida do príncipe. Tomando tal ponto de vista de Knight (1967), notemos certa proximidade de pensamento com Bloom (2001, p. 534), quando menciona: “Cláudio é mero acidente, o único inimigo loquaz de Hamlet é o próprio Hamlet”.¹⁰

⁸ “And so arriving in England, the messengers presented themselves to the king, giving him Fengon letters; who having read the contents, sad nothing as then, but stayed convenient time to effect Fengon desire, mean time using the Danes familiarly, doing them that honour to sit as his table [...]” (GRAMMATICUS, 2013, p. 81).

⁹ **King Claudius:** “Most fair return of greetings and desires/ Upon our first, he sent out to suppress/ His nephew’s levies; which to him appear’d/ To be a preparation ‘gainst the Polack;/ But, better look’d into, he truly found/ It was against your highness: whereat grieved/ That so his sickness, age and impotence/ Was falsely borne in hand, sends out arrests/ On Fortinbras; which he, in brief, obeys;/ Receives rebuke from Norway, and in fine/ Makes vow before his uncle never more/ To give the assay of arms against your majesty” (SHAKESPEARE, 1999, p. 42).

¹⁰ Por mais que sejam destacadas as semelhanças de ideias sobre alguns pontos da peça, pelos dois críticos, há uma diferença exorbitante entre os pensamentos de ambos, haja vista que Knight (1967) vê a personagem Claudius em perfeito estado de equilíbrio mental enquanto rei. Já Bloom (2001), ao contrário, em Shakespeare: a invenção do humano avalia a personagem Claudius sobre uma óptica do príncipe Hamlet, pois ele caracteriza Claudius como portador de intelecto inferior e que Claudius não é obstáculo tão grande para o sobrinho, pois não é necessária uma inteligência sobrenatural, segundo Bloom, para derrotar o rei dinamarquês, em Hamlet. Em seguida, no decorrer de sua obra, Bloom (2001) diz que o destino de Claudius foi causado pelos ardis de seus próprios atos.

A alma de Hamlet está doente. Os sintomas são: horror com o fato da morte e um ódio da vida, um sentido de impureza e o mal nas coisas da natureza; a aversão ao corpo físico do homem; amargura, cinismo, ódio, ele tende à insanidade. Todos estes elementos são insistentes em Hamlet. Ele pode descrever as glórias do céu e da terra, mas para ele essas glórias sumiram. E ele não sabe por que, a doença é mais profunda do que sua perda de Ofélia, mais profunda do que a traição de sua mãe e da morte de seu pai. Esses são, como seu vestido de luto, as “armadilhas e os ternos de aflição”. Eles são os símbolos exteriores de que, as “causas” dela, mas a coisa em si é final, além da causalidade.¹¹ (KNIGHT, 1967, p. 23, tradução nossa).

Para um maior entendimento sobre a conduta dissimulatória de Claudius, na peça *Hamlet*, tomemos por lição os conselhos de Mazzarino (1997), que postulam uma das medidas a serem adotadas em circunstâncias de perigo aos interesses do soberano. Segundo o autor em questão, “[...] erá sempre bom que, enquanto sentas à mesa, ou à mesinha para escrever, coloques à tua frente um espelho para ver de relance o quanto se faz pelas tuas costas” (MAZZARINO, 1997, p. 48). Para cumprir, inicialmente, as intenções dissimuladoras do rei, os súditos Rosencrantz e Guildenstern assumem a função de espelhos. A capacidade de dissimular do monarca intriga a crítica literária e política shakespeariana, para Knight (1967, p. 41, tradução nossa), como ilustração: “Claudius, cujo crime originalmente o colocou lá, está em um bom estado de saúde e uma vigorosa vida espiritual. Hamlet, e nós também, estamos perplexos”¹².

No Ato III/Cena I, o público, Polônio e Gertrude tomam conhecimento da decisão de Claudius em enviar o príncipe Hamlet à Inglaterra. O presente rei tem conhecimento do sentimento de apreço do povo pelo sobrinho e decide agir dentro da lei, porém dissimulando as ações, não levando o príncipe Hamlet ao julgo popular – o que impossibilitaria a sua estratégia de neutralizar Hamlet e enfraqueceria ainda mais sua estabilidade no reinado, pois a população não tinha tanto apreço.

A personagem Claudius, através da hipótese da loucura do príncipe, vendo a oportunidade para livrar-se da possibilidade de ser revelado e vingado pelo sobrinho, apoia, dissimuladamente, a ideia posta por Gertrude e também a de Polônio, da verdadeira causa de “loucura” no príncipe, embora ainda Gertrude afirme: “[...] duvido que não seja o mesmo sempre: a morte de seu pai e este casamento corrido”¹³ (SHAKESPEARE, 1999, p. 42, tradução nossa).

Após a encenação da peça no reino, Claudius acaba por saber, como citado anteriormente por Lawrence (1999), do conhecimento do príncipe do seu ato de assassinato e passa a temer sua imagem enquanto rei se Hamlet vier a revelar o que poderá acabar com sua vida política. Reiterando a suposta ideia de loucura do príncipe, Claudius decide enviar Hamlet à Inglaterra.

¹¹ “Hamlet’s soul is sick. The symptoms are, horror at the fact of death and an equal detestation of life, a sense of uncleanness and evil in the things of nature; a disgust at the physical body of man; bitterness, cynicism, hate. It tends towards insanity. All these elements are insistent in Hamlet. He can describe the glories of heaven and earth but for him those glories are gone. And he knows not why. The disease is deeper than his loss of Ophelia, deeper than his mother’s sexual impurity and his father’s death. These are, like his mourning dress, the ‘trappings and the suits of woe.’ They are the outward symbols of it, the ‘causes’ of it: but the thing itself is ultimate, beyond causality” (KNIGHT, 1967, p. 23).

¹² “Claudius, whose crime originally placed him there, is in a state of healthy and robust spiritual life. Hamlet, and we too, are perplexed.” (Knight, 1967, p. 41).

¹³ **Queen Gertrude:** “I doubt it is no other but the main; His father’s death, and our o’erhasty marriage” (SHAKESPEARE, 1999, p. 42).

Em seguida, o rei usufrui do ódio alheio (Laertes) e tenta colocar os demais personagens a defender seus interesses, apresentando o príncipe como um inimigo louco.

A personagem Claudius apresenta características bastante dissimuladoras e astuciosas. O rei possuía também a eloquência, grande poder persuasivo em seus argumentos e, conseqüentemente, conseguia maiores níveis de dissimulação. No Ato I/Cena II, o rei faz uma menção dissimulada ao ocupar a linha sucessória do reino de forma astuciosa, para o príncipe Hamlet, legítimo na sucessão real dinamarquesa: “[...] pois saiba o mundo que és o herdeiro mais próximo do trono”¹⁴ (SHAKESPEARE, 1999, p. 14, tradução nossa).

No decorrer da peça, Claudius ainda estava se adaptando com a coroa dinamarquesa, sobretudo precisava unir e conhecer seu povo. Para o príncipe Hamlet, era uma comemoração ao incesto o ato em que Claudius se reúne com os súditos para participarem de banquetes. Para a personagem Claudius, considerando as concepções de Mazzarino (1997), eram apenas estratégias para ganhar o apreço de todos e assim se armar. “Procura ter perto de ti, simulando amizade, aquele que em tua ausência queixas, e contra ti amotinaria sediciosos e agitaria outras pessoas túbidas. Mantém-no sempre ao teu lado nos prazeres, nas caças, à mesa, nos pensamentos e no teu próprio banquete” (MAZZARINO, 1997, p. 48). Tais pontos colocados por Mazzarino (1997) tomam mais pulso se postos também ao lado dos argumentos de Casa (1999), quando este diz: “[...] convém fazer do desejo do outro o próprio prazer, quando não se siga dano ou vergonha, e, nisto, sempre agir e falar antes pelo critério alheio do que pelo próprio” (CASA, 1999, p. 22).

Bloom (2001, p. 506) destaca a ferocidade daquela época, “[...] mais vida em um tempo sem limites”; entretanto, devemos aceitar que, diferentemente do antigo rei, as ações de Claudius durante seu reinado não ultrapassavam à função diplomática de rei (e rejeita a política bélica do rei anterior). Como rei, devia agir de forma cautelosa, planejada e, às vezes maldosa, visto que essa última é a que mais caracteriza a personagem Claudius, pela sua ânsia em obtenção de poder. É nessa razão que reside a maior dissimulação nos vários momentos em que o rei, nas atribuições de sua função, oculta alguns fatos, apenas para sua própria proteção no comando da coroa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O rei demonstra-se habilidoso e muito estrategista na corte norueguesa. Pratica algumas ações diplomáticas no seu comando e procura manter os súditos tranquilos e fiéis, adotando um método dissimulador para evitar a descoberta do seu terrível ato de fratricídio. Nesse sentido, este texto procurou visibilizar um tema lateral da peça Hamlet relacionando análise literária à análise política para o julgamento da personagem Claudius.

Suas realizações na corte, como exemplo, sua preocupação pessoal com o príncipe Hamlet ou sua tentativa de união do então príncipe com Ofélia, demonstram a tentativa de um rei em dominar os bastidores do palácio. O envio de mensageiros para realizarem cobranças ao rei inglês e a prática constante de informações dos súditos envolvidos na segurança do castelo implicam outra tentativa do rei em garantir a proteção do seu reinado com uma política externa

¹⁴ **King Claudius:** “[...] for let the world take note/You are the most immediate to our throne.” (SHAKESPEARE, 1999, p. 14).

mais branda (e talvez mais eficaz) que a do seu antecessor. Todas essas práticas caracterizam-no como um rei maquiavélico, pois articula tais ações pensando na sua imagem de líder, tentando preservar suas relações de poder.

Não seria audacioso mencionar Claudius como um excelente estrategista que atua na corte criada por Shakespeare, pois manipula sentimentos alheios e faz interpretações convenientes aos seus propósitos. Ainda que seja um hábil estrategista e um ardiloso político, Claudius, como um caráter bem desenhado, com riqueza de detalhes em sua trama política e dimensão psicológica complexa ainda a ser explorada com mais ênfase pela crítica, não podia escapar da imprevisibilidade trágica que condena os personagens shakespearianos mais trabalhados à catástrofe.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Edipro, 2009.
- BLOOM, H. **Shakespeare: a invenção do humano**. Tradução José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BLOOM, H. **Hamlet: poema ilimitado**. Tradução José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- BRADLEY, A. C. **A Tragédia Shakespeariana**. Tradução Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CASA, G. D. **Galateo ou Dos Costumes**. Tradução Edileine Vieira Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **Estratégia, Poder-Saber**. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FRYE, N. **Sobre Shakespeare**. Tradução Simone Lopes de Mello. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- GRAMMATICUS, S. **The Norse Hamlet**. Hythloday Press: Kindle, 2013.
- HELIODORA, B. **Reflexões Shakespearianas**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução G. D. Leoni. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- KNIGHT, G. W. **The Wheel of Fire**. Cleveland: Meridian Books, 1967.
- LAWRENCE, W. W. **The Play Scene in “Hamlet”**. Champaign: University of Illinois Press, 1999.
- MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Tradução Hingo Weber. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- MAZZARINO, C. G. **Breviários dos Políticos**. Tradução Ana Thereza Basilio Vieira. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.
- SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. New York: Max Froumentin, 1999.